



Prólogo e párodo de *As mulheres de Tráquis* de Sófocles: tradução, comentário e notas

Prologue and the Parodos of Sophocles' *Women of Trachis*: translation, commentary, and notes

Lucas Fonseca de Oliveira¹

<http://orcid.org/0000-0001-8810-8160>
lucaslufu@hotmail.com

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v12i2.65716>

RESUMO: Este texto apresenta uma tradução anotada do prólogo e do párodo de *As mulheres de Tráquis* de Sófocles. O trabalho tradutório tem por fim a elaboração de um texto acessível ao leitor iniciante de tragédia, mas que possa enriquecer o leitor experiente com algumas de suas soluções. As notas, na mesma proposta didática da tradução, visam enriquecer a experiência de leitura, esclarecendo passagens e episódios mitológicos. A tradução é antecedida por um breve comentário sobre o tema do tempo nessa tragédia, com destaque para elementos presentes nas seções traduzidas na sequência. Nessa tragédia, Sófocles explora um episódio do mito de Hércules, o dia de sua queda. A peça tem como seus protagonistas o próprio Hércules, que entra em cena somente ao fim da peça, e Dejanira, sua esposa e causadora involuntária de sua desgraça. A temática do tempo se apresenta de diversas maneiras nesta obra, sobretudo na ênfase na passagem do tempo, na passagem da ignorância ao conhecimento e no passado que ameaça o presente.

PALAVRAS-CHAVE: Sófocles; *As mulheres de Tráquis*; tragédia grega; tempo; tradução.

ABSTRACT: This text presents an annotated translation of the Prologue and the Parodos of Sophocles' *Women of Trachis*. The translation aims at the production of an accessible text to the casual reader of Greek Tragedy, but that can enrich the experienced reader with its solutions. The notes, in the same didactic proposal of the translation, seek to enrich the reading experience, clarifying passages and mythological episodes. The translation is preceded by a brief commentary on the theme of time in this tragedy, highlighting the ones which are present at the sections translated below. In this tragedy, Sophocles explores an episode of Heracles' myth, the day of his demise. The play has as protagonists Heracles and Deianeira, his wife and unwitting cause of his fall. The theme of time presents itself in many ways in this tragedy, especially in the emphasis in the passage of time, the passage of ignorance to knowledge, and in the past that threatens the present.

KEYWORDS: Sophocles; *Women of Trachis*; Greek Tragedy; time; translation.

¹ Mestre em Linguística (área de Estudos Clássicos) pela Universidade Estadual de Campinas. Bolsista do CNPq.



1. Comentário: notas sobre o tempo em *As mulheres de Tráquis*

A temática do tempo se apresenta de diversas maneiras em *As mulheres de Tráquis*. Ela está expressa em uma ênfase em ideias de casamento, envelhecimento e mudança de gerações, e na maneira como eventos do passado afetam o presente. Há também a relação entre conhecimento e tempo, que ganha relevo nos diversos momentos em que ocorre a passagem da ignorância ao conhecimento na peça, processo mediado pelo tempo. Composta no século V a.C., *As mulheres de Tráquis*² é uma das sete tragédias remanescentes de Sófocles e seu enredo explora um episódio do mito de Hércules. Com seu coro composto de mulheres da cidade de Tráquis, essa peça tem como protagonistas Hércules e sua esposa Dejanira, que é causadora involuntária da desgraça do marido. Nestas notas, nosso objetivo é colocar em evidência o tema do tempo na tragédia, explorando a maneira como elementos dessa temática se mostram ao longo da obra, destacando sobretudo a sua presença já no Prólogo e no Párodo.

O cenário de *As mulheres de Tráquis* é a cidade de Tráquis, onde a família de Hércules reside. Dejanira é a figura central durante a maior parte da ação e o coro é simpático a ela; Hércules entra em cena na porção final da peça, no Êxodo. Essa tragédia apresenta uma esposa sempre solitária e preocupada com o marido ausente por causa de seus trabalhos. Dessa vez, a situação era a mais preocupante: ele havia deixado um oráculo antes de sua última partida: estava próximo o fim de seus trabalhos ou a sua morte. O arauto de Hércules chega e traz notícias da vitória e do iminente retorno de Hércules, e traz consigo mulheres cativas, espólios da vitória. Contudo, é revelado que entre as cativas há uma jovem, Íole, pela qual Hércules está apaixonado; ela foi a razão por que ele destruiu a sua cidade de origem e a raptou. Dejanira, temendo ser deixada de lado, mas sem intenção de ferir o marido ou a rival, aplica uma poção do amor em um manto que envia para Hércules. A poção foi um presente do centauro Nesso, que foi morto por Hércules ao tentar raptar Dejanira num passado distante. Hércules o acertou com uma de suas flechas que continha o veneno mortal da Hidra. Enquanto agonizava por causa da flecha, o centauro instruiu a jovem Dejanira para que recolhesse o sangue ao redor da ferida e o guardasse protegido da luz e do calor até o momento do uso, pois se tratava de uma poção do amor. Porém o presente era, na verdade, a vingança do

² TPAXINIAI também pode ser traduzido como *As traquínias*. Optamos pela tradução por *As mulheres de Tráquis* devido a nossa proposta de tradução, ver abaixo Nota sobre a tradução. Para discussões relativas à datação precisa dessa tragédia, cf. Jebb, 2010, p. xxiii; Whitman, 1951, p. 42ss; Kamerbeek, 1970, p. 27ss; Winnington-Ingram, 1980, p. 341ss; Easterling, 1982b, p. 19ss; Levett, 2004, pp. 35-6.

centauro: continha o veneno, de modo que ao vestir o manto durante sacrifícios, o calor e as luzes de fogueiras sacrificiais ativam o veneno. Hércules começa a sofrer seus efeitos e seu corpo começa a ser violentamente consumido. Dejanira tira a própria vida. Hércules entra em cena sendo carregado e dormindo. Ao acordar agonizante, quer vingança. Mas, quando descobre sobre o presente de Nesso, entende que é seu fim, dá ordens ao filho, Hilo, e começa a ser levado a uma pira no monte Eta, em que porá fim a sua vida.

O casamento marca um momento de transição cujos efeitos são sentidos ao longo do tempo. Ele marca a passagem da menina para a mulher adulta, como diz Dejanira às mulheres do coro ao afirmar que elas só serão capazes de entender o seu sofrimento quando se casarem:

Suponho que ouviste do meu padecimento e estás aqui. Mas do modo como me desfaço por dentro que tu jamais o sofras para sabê-lo e continues inexperiente como és. A juventude se alimenta nesses lugares que são só seus e, a ela, nem a quentura do deus Sol, nem a tempestade, nem mesmo os ventos, nada a perturba, mas, entre prazeres, se expande em uma vida sem adversidade até o momento em que uma mulher, não mais uma moça, é convocada a tomar parte nas preocupações noturnas, temendo, seja pelo marido, seja pelos filhos. Diante disso, qualquer uma poderá vislumbrar, observando sua própria condição, os males pelos quais eu sou oprimida.

πεπυσμένη μὲν, ὡς ἀπεικάσαι, πάρει
πάθημα τούμὸν· ὡς δ' ἐγὼ θυμοφθορῶ,
μήτ' ἐκμάθοις παθοῦσα νῦν τ' ἄπειρος εἶ.
τὸ γὰρ νεάζον ἐν τοιοῖσδε βόσκεται
χώροισιν αὐτοῦ, καί νιν οὐ θάλπος θεοῦ
οὐδ' ὄμβρος οὐδὲ πνευμάτων οὐδὲν κλονεῖ,
ἀλλ' ἡδοναῖς ἄμοχθον ἐξαίρει βίον
ἐς τοῦθ' ἕως τις ἀντὶ παρθένου γυνὴ
κληθῆ, λάβῃ τ' ἐν νυκτὶ φροντίδων μέρος,
ἦτοι πρὸς ἀνδρὸς ἢ τέκνων φοβουμένη.
τότ' ἂν τις εἰσίδοιτο, τὴν αὐτοῦ σκοπῶν
πρᾶξιν, κακοῖσιν οἷς ἐγὼ βαρύνομαι.
(*As mulheres de Tráquis*, 141-52)³

O casamento é a transição da menina para a mulher adulta, pela qual as mulheres do coro ainda não passaram. As núpcias de Íole também implicam seu amadurecimento; a situação é insuportável para Dejanira, pois a rival “*não é mais uma moça, mas, sim, uma mulher pronta para ser*

³ As traduções de todas as citações de *As mulheres de Tráquis* são de nossa autoria e têm como base a mesma edição da tradução do prólogo e do párodo apresentada abaixo (Sophocles Fabulae. Ed. Lloyd-Jones e Wilson, 1990).

desposada, que acabei trazendo para dentro de casa” (536-8)⁴. No fim da peça, Hércules ordena que seu filho, Hilo, se case com Íole (1221-8). Porém é o casamento dos protagonistas que se destaca nessa tragédia. O prólogo mostra que o casamento de Dejanira está no centro de sua vida e é a causa de seus medos e preocupações com a segurança de Hércules e de seus filhos. Além disso, a união de Hércules e Dejanira ocorreu num passado distante e os frutos do longo tempo decorrido se tornam patentes durante a tragédia.

O envelhecimento é consequência da passagem do tempo e fonte de angústia para a esposa de Hércules. Dejanira envelhece e teme ser deixada de lado em seu próprio lar, uma vez que Hércules tome a jovem Íole como esposa. O efeito da passagem do tempo se mostra na comparação com Íole:

[Dejanira] Eu não me vejo sentindo raiva dele, mesmo que ele sofra tantas vezes dessa doença; agora, viver junto com ela, compartilhar o mesmo casamento, que mulher poderia? Pois vejo uma juventude que avança e outra que perece. De uma o olhar quer recolher a flor, mas, da outra, desviar os pés. Por isso, temo que Hércules seja chamado meu esposo, mas seja o homem de uma mulher mais nova.

ἐγὼ δὲ θυμοῦσθαι μὲν οὐκ ἐπίσταμαι
νοσοῦντι κείνῳ πολλὰ τῆδε τῆ νόσῳ·
τὸ δ' αὖ ξυνοικεῖν τῆδ' ὁμοῦ τίς ἂν γυνή
δύναιτο, κοινωνοῦσα τῶν αὐτῶν γάμων;
ὄρῳ γὰρ ἦβην τὴν μὲν ἔρπουσαν πρόσω,
τὴν δὲ φθίνουσαν· ὧν (δ') ἀφαρπάζειν φιλεῖ
ὀφθαλμὸς ἄνθος, τῶν δ' ὑπεκτρέπει πόδα.
ταῦτ' οὖν φοβοῦμαι μὴ πόσις μὲν Ἡρακλῆς
ἐμὸς καλῆται, τῆς νεωτέρας δ' ἀνήρ
(*As mulheres de Tráquis*, 544-51)

Íole é jovem e bela, mas Dejanira está perdendo essas qualidades. A beleza de Dejanira está intimamente relacionada à sua vida. Quando menciona a batalha que decidiu seu casamento, Dejanira afirma que temia o que a sua beleza pudesse trazer: “[eu] jazia atordoada pelo horror, com receio de que a beleza me trouxesse dor” (24-5)⁵. A beleza de Dejanira atraiu os pretendentes Aqueloo e Hércules, e foi a razão pela qual o centauro Nesso tentou raptá-la. No presente, porém, essa beleza se esvai e ela teme ser trocada pela mulher mais jovem.

De modo semelhante, a passagem do tempo se mostra na mudança de gerações. A paternidade de Zeus sobre Hércules é mencionada em diversos momentos (19-20; 1106, 1149, 1185) e, de início, é vista como uma garantia do sucesso do herói: “Pois quem viu Zeus ser assim

⁴ κόρην γάρ, οἶμαι δ' οὐκέτ', ἀλλ' ἐζευγμένην, / παρεσδέδεγμαι φόρτον

⁵ ἐγὼ γὰρ ἦμην ἐκπεπληγμένη φόβῳ / μὴ μοι τὸ κάλλος ἄλγος ἐξεύροι ποτέ.

desatento com seus filhos?” (140)⁶. A relação de Hércules com seus filhos também é citada (31-3; 739-740; 806); e o apelo à autoridade paterna é o argumento de Hércules para que Hilo cumpra suas exigências finais (1193-1251). A maternidade de Dejanira é questionada: Hilo condena a falta de comportamento maternal em Dejanira quando a acusa de matar o pai (816-7); e, quando em cena, Hércules exige que Hilo deixe de reconhecer a maternidade de Dejanira (1065). Existem também referências a Alcmena, mãe de Hércules (20; 1105; 1147) e a noite é descrita como uma mãe que gera e coloca o filho, o Sol, para dormir: “*A ti [Sol] que a cintilante noite decaindo gera e acalenta, quando estás incandescente*” (94-5)⁷. Ao fim da peça, Hilo faz uma condenação da paternidade divina pela indiferença dos deuses em relação aos sofrimentos dos filhos: “*os que são celebrados pais que nos geraram, mas que só olham de longe sofrimentos como estes!*” (1268-9)⁸. As ideias de paternidade e maternidade indicam a mudança de gerações.

Paralelamente, o passado e o presente têm uma relação conflituosa em *As mulheres de Tráquis*. Como afirma Easterling (1982b, p. 4), o passado ameaça e influencia o presente nessa tragédia⁹. O casamento dos protagonistas está no centro dessa tragédia e da vida da esposa, desde o prólogo é possível observá-lo (1-48), e é a ameaça a esse casamento que desencadeia as ações que levarão à desgraça de Hércules¹⁰. A batalha pela mão de Dejanira ocorreu num tempo distante, quando ela foi disputada entre Hércules e Aqueloo. Há duas menções a essa batalha, uma no prólogo (6-20) e outra no primeiro estásimo (496-530). Neste último, o coro utiliza essa batalha, uma situação em que os pretendentes agiram motivados pela paixão, como um exemplo do poder do amor e do desejo, estabelecendo um padrão de motivação, uma vez que o primeiro estásimo comenta a revelação de que, no presente, Hércules foi tomado por sua paixão por Íole e por isso devastou a cidade natal da jovem e a raptou: “*Pois tudo o mais ele [Hércules] sobrepuja com as mãos, mas, pelo amor a essa mulher, em tudo foi subjugado*” (488-9)¹¹. De modo semelhante, o episódio do centauro Nesso também foi motivado pelo desejo: o centauro tentou raptar Dejanira e foi morto por Hércules (554-580; 680-687). Este episódio, embora distante no tempo, é a origem da poção do amor que causará a desgraça de Hércules na peça. Dessas maneiras, o passado afeta direta e indiretamente o presente nessa tragédia.

Por sua vez, a passagem da ignorância ao conhecimento necessita de tempo. O conhecimento existe, assim como existe a possibilidade de conhecer e compreendê-lo, mas esse

⁶ ἐπεὶ τίς ὧδε / τέκνοισι Ζῆν’ ἄβουλον εἶδεν;

⁷ ὄν αἰόλα νῦξ ἑναριζόμενα / τίκτει κατευνάζει τε, φλογιζόμενον.

⁸ οἱ φύσαντες καὶ κληζόμενοι / πατέρες τοιαῦτ’ ἐφορῶσι πάθη.

⁹ Easterling (1982b, p. 4) destaca esse ponto e afirma que ele teria relação com os temas do conhecimento e do tempo, e que a maneira como o passado influencia o presente também é tema de outras obras de Sófocles, *Electra* e *Rei Édipo*.

¹⁰ O desejo e as novas núpcias de Hércules, vv. 351-70; 475-85.

¹¹ ὡς τᾶλλ’ ἐκεῖνος πάντ’ ἀριστεύων χεροῖν / τοῦ τῆσδ’ ἔρωτος εἰς ἄπανθ’ ἦσσω ἔφυ.

processo é mediado pelo tempo. Já foi observado que *As mulheres de Tráquis* e *Rei Édipo* lidam com o tema do conhecimento de modo semelhante. Segundo Whitman (1951, pp. 104-5), ambas são tragédias do conhecimento trágico porque esse sempre vem à luz tarde demais, apesar das tentativas e dos esforços dos personagens. Isso se deve, continua Whitman, à relação tradicional no pensamento grego entre ação, sofrimento e aprendizado, e ao tema da vida iluminada pelo tempo¹². Relativos ao conhecimento encontramos elementos como a sabedoria proverbial e os oráculos, mencionados já no párodo e no prólogo¹³.

A sabedoria proverbial ou tradicional está presente desde o início da peça. Os versos que abrem a tragédia são um exemplo: “*Um provérbio existe entre os homens, há muito revelado: não podes compreender a ventura da vida dos mortais até que a pessoa esteja morta, nem se lhe é boa nem se lhe é ruim*” (1-3)¹⁴. Também aparece quando Dejanira comemora a última vitória de Hércules: “*Contudo, está em poder dos que bem observam temer que o bem-sucedido tropece no futuro*” (296-7)¹⁵. No párodo, a sabedoria proverbial relativa ao ciclo da sorte humana é mencionada para lembrar Dejanira de que esse seu período de sofrimento não vai continuar para sempre: “*Não se mantém para os mortais nem cintilante noite, nem desgraça, nem riqueza, mas de repente se vai e vem-lhe tanto o ganhar quanto o perder*” (132-5)¹⁶. Esse conhecimento tradicional também se apresenta quando a velha ama relata a morte de Dejanira: “*Quem conta com dois dias ou mais é um tolo, pois não há amanhã até que se passe o dia de hoje.*” (943-6)¹⁷. Essa sabedoria é um exemplo de conhecimento, mas, assim como no caso dos oráculos, possui-los não implica compreendê-los.

O significado dos oráculos só é compreendido tarde demais em *As mulheres de Tráquis*. O conhecimento expresso pelos oráculos é, como diz Easterling (1982b, p. 3), “*um lampejo da verdade*

¹² *They might be called plays of tragic knowledge – tragic because in spite of all efforts to make it come in time, it always comes too late. [...] It has to do with the whole Greek association of action-suffering-learning, and it bears closely upon the theme of life penetrated and illuminated by time [...].* (Whitman, 1951, pp. 104-105).

¹³ Haveria outros elementos da temática do conhecimento a serem explorados, como, por exemplo, a tentativa de enganar Dejanira (424ss) e a insistência da esposa de Hércules em saber a verdade diante dessa tentativa: “*Se temes, apavora-te à toa, pois o não saber, isso me agonia. E o que há de terrível em saber?*” [κεί μὲν δέδοικας, οὐ καλῶς ταρβεῖς, ἐπεὶ / τὸ μὴ πυθέσθαι, τοῦτό μ’ ἀλγύνειεν ἄν· / τὸ δ’ εἰδέναι τί δεινόν;] (457-8). Há também a incerteza quanto à roçã do amor, se funcionará (590-2). Contudo, nos restringimos àqueles relacionados diretamente ao tempo.

¹⁴ λόγος μὲν ἐστ’ ἀρχαῖος ἀνθρώπων φανείς / ὥς οὐκ ἂν αἰῶν’ ἐκμάθοις βροτῶν, πρὶν ἂν / θάνη τις, οὔτ’ εἰ χρηστὸς οὔτ’ εἰ τῷ κακός.

¹⁵ [ὅμως δ’ ἔνεστι τοῖσιν εὖ σκοποῦμένοις / ταρβεῖν τὸν εὖ πράσσοντα, μὴ σφαλῆ ποτε.] Winnington-Ingram (1980, p. 77) observa que a mentalidade de Dejanira nesses momentos é semelhante à mentalidade do Odisseu no *Ájax*, mas aqui não serve para salvá-la e talvez a tenha precipitado no desastre.

¹⁶ μένει γὰρ οὔτ’ αἰόλα / νῦξ βροτοῖσιν οὔτε κῆ- / ρες οὔτε πλοῦτος, ἀλλ’ ἄφαρ / βέβακε, τῷ δ’ ἐπέρχεται / χαίρειν τε καὶ στέρεσθαι.

¹⁷ ὥστ’ εἰ τις δύο / ἢ καπὶ πλείους ἡμέρας λογίζεται, / μάταιός ἐστιν· οὐ γὰρ ἔσθ’ ἢ γ’ αὔριον, / πρὶν εὖ πάθη τις τὴν παροῦσαν ἡμέραν.

que só pode ser compreendida de modo adequado quando os eventos que eles preveem acontecem”¹⁸. Existem dois oráculos nessa tragédia¹⁹. O primeiro oráculo é apresentado no prólogo. Dejanira, ao saber que Hércules trava uma guerra na Eubeia²⁰, diz ao filho que o marido deixara um oráculo sobre essa terra, que previa que se aproximava ou a morte de Hércules ou fim de seus trabalhos:

Dizem que ou ele está prestes a atingir o fim da vida ou, vencida essa contenda, levar a bom termo o restante da ventura da vida. Então, filho, com esse destino jazendo na balança, não pretendes ajudá-lo, já que ou estamos salvos, se ele se salva, ou então caímos em ruína junto?

ὥς ἢ τελευτὴν τοῦ βίου μέλλει τελεῖν
ἢ τοῦτον ἄρας ἄθλον εἰς τό γ' ὕστερον
τὸν λοιπὸν ἤδη βίον εὐαίων' ἔχειν.
ἐν οὖν ροπῇ, τοιᾶδε κειμένῳ, τέκνον,
οὐκ εἶ ξυνέρξων, ἠνίκ' ἢ σεσώσμεθα
[ἢ πίπτομεν σοῦ πατρὸς ἐξολωλότος]
κείνου βίον σώσαντος, ἢ οἰχόμεσθ' ἅμα;
(*As mulheres de Tráquis*, 79–85)

Dejanira fornece mais detalhes sobre o oráculo quando explica a razão de sua maior preocupação em relação a essa última jornada de Hércules, porém é acrescentado o detalhe do período que corresponde ao tempo atual de sua ausência:

Ele estabeleceu um tempo: se já estivesse ausente por três meses e um ano depois de ter partido, então, nesse momento, deveria morrer ou, ao escapar desse momento final, viver o resto do tempo sem dores. Isso, ele disse, foi decretado pelos deuses como sendo o fim dos trabalhos de Hércules...

χρόνον προτάξας ὥς τρίμηνος ἠνίκ' ἂν
χώρας ἀπείη κἀνιαύσιος βεβῶς,
τότ' ἢ θανεῖν χρεῖη σφε τῷδε τῷ χρόνῳ
ἢ τοῦθ' ὑπεκδραμόντα τοῦ χρόνου τέλος
τὸ λοιπὸν ἤδη ζῆν ἀλυπήτῳ βίῳ.
τοιαῦτ' ἔφραξε πρὸς θεῶν εἰμαρμένα
τῶν Ἡρακλείων ἐκτελευτᾶσθαι πόνων
(*As mulheres de Tráquis*, 164–70)

¹⁸ Nossa tradução. No original: “a glimpse of the truth which can only be properly understood when the events they foretell take place”.

¹⁹ Porém existem interpretações que apontam um número diferente de oráculos. Segundo Paoli (2022), na verdade há três oráculos, além daqueles de que falaremos a seguir, a helenista interpreta as últimas palavras de Nesso como uma fala oracular: “visto que sua fala ao morrer possui um valor profético e constitui em si mesma, pela forma como é caracterizada e por sua função, um semioráculo, sendo mencionado por Dejanira no Segundo e no Terceiro Episódios (Tr. 569–77; 680–687)” (Paoli, 2022, pp. 31–2).

²⁰ Contra Ecália, cidade de origem de Íole (vv. 74–5; 250–60; 355–64).

O oráculo é interpretado pelos personagens como uma disjunção: ou Hércules vence e se salva ou ele perde e perece. O coro, ao saber do real efeito da poção em Hércules, compreende que na verdade o significado do oráculo é apenas o da sua morte: “*como pode quem já não tem olhos abertos manter, já morto, dolorosa servidão?*” (828–830)²¹. Também Hércules interpretara a previsão do modo equivocado. Porém, quando descobre o envolvimento de Nesso no seu sofrimento, percebe o verdadeiro significado de dois oráculos que estavam se cumprindo. Além do oráculo sobre o fim dos seus trabalhos, Hércules revela o segundo oráculo da peça, que afirmava que ele seria morto por um morto:

Tenho uma antiga profecia vinda de meu pai: por nenhum dos seres que respiram eu seria morto, mas o seria por alguém que já tivesse se tornado habitante morto do Hades. Então esse centauro feroz, como a divindade havia previsto, estando morto, matou o que está vivo. Mas eu revelarei novo oráculo que está em harmonia com esse, que concorda com o antigo. (...) disse para mim o paterno carvalho de várias vozes: para mim, neste tempo presente e vivo, eu alcançaria a libertação dos trabalhos impostos a mim. Eu acreditava que terminaria bem. Mas não era nada além de minha morte. Porque, para os que estão mortos, não há trabalho.

ἔμοι γὰρ ἦν πρόφαντον ἐκ πατρὸς πάλαι,
πρὸς τῶν πνεόντων μηδενὸς θανεῖν ποτε,
ἀλλ’ ὅστις Ἴαιδου φθίμενος οἰκίτηρ πέλοι.
ὄδ’ οὖν ὁ θῆρ Κένταυρος, ὡς τὸ θεῖον ἦν
πρόφαντον, οὕτω ζῶντά μ’ ἔκτεινεν θανῶν.
φανῶ δ’ ἐγὼ τούτοισι συμβαίνοντ’ ἴσα
μαντεῖα καινά, τοῖς πάλαι Ξυνήγορα,
(...)
πρὸς τῆς πατρῶας καὶ πολυγλώσσου δρυός,
ἢ μοι χρόνῳ τῶ ζῶντι καὶ παρόντι νῦν
ἔφασκε μόχθων τῶν ἐφεστώτων ἔμοι
λύσιν τελεῖσθαι· κἀδόκουν πράξειν καλῶς.
τὸ δ’ ἦν ἄρ’ οὐδὲν ἄλλο πλὴν θανεῖν ἐμέ.
τοῖς γὰρ θανοῦσι μόχθος οὐ προσγίγνεται.
(*As mulheres de Tráquis*, 1159–1173)

Hércules compreende tarde o significado dos oráculos: entende que o fim dos trabalhos significa a sua morte e que foi morto por um morto, uma vez que Nesso o atingiu com sua artimanha. Dejanira também compreende tarde a natureza de sua vida, que ela julgava conhecer bem. Nos

²¹ πῶς γὰρ ἂν ὁ μὴ λεύσσω / ἔτι ποτ’ ἔτ’ ἐπίπονον / ἔχοι θανῶν λατρείαν;

versos iniciais da peça, Dejanira menciona a sabedoria proverbial de que não é possível saber a sorte de alguém ainda vivo, para em seguida contradizer essa afirmação, dizendo que já conhece a sua sorte: “*Eu, porém, sei a minha; e, antes de ir ao Hades, sei bem que a tenho malfadada e pesada*” (4-5)²². Contudo, Dejanira descobriria que, na verdade, não sabia o quanto ainda poderia sofrer. Quando menciona o ciclo da sorte humana, o coro não sabe em que momento do ciclo Dejanira está, de modo que os acontecimentos da peça trazem muito mais sofrimento a quem eles tentavam trazer esperança. Dejanira considera que foi salva por Hércules do sofrimento que um pretendente monstruoso traria, mas o casamento trouxe sua leva de sofrimento e medo, que culminam em sua morte e na desgraça de Hércules. Os personagens compreendem tarde a sua situação, a sabedoria proverbial e os oráculos.

Esses momentos de passagem da ignorância ao conhecimento fazem parte da estrutura da peça, composta de modo a apresentar uma sucessão de revelações²³. São diversas as ocorrências desse tipo de passagem, na qual os personagens descobrem a verdade sobre sua situação²⁴. Levett (2004, p. 39) afirma que o enredo se estrutura de modo que suas reviravoltas dramáticas ocorram não porque haja um evento novo, mas antes uma nova informação nova sobre um mesmo evento. Essa nova informação muda a perspectiva dos personagens e do público. Isso reflete o tema fundamental da peça sobre a incapacidade humana de ver as coisas como elas são. Essas mudanças de perspectiva acontecem tanto com eventos do passado quanto presentes²⁵. Podemos citar como exemplos dessa sucessão de revelações: a descoberta do paradeiro de Hércules, a identidade de Íole e sua relação com a última vitória de Hércules, a verdadeira natureza da poção do amor e o significado dos oráculos. Whitman (1951, pp. 110-1) afirma que essa sucessão significa que apenas o conhecimento do passado é seguro para os personagens. Porém, não é o caso, uma vez que mesmo a verdade sobre o passado se torna completamente clara apenas nesses momentos, como, por exemplo, quando Dejanira descobre a real natureza da poção do amor e as verdadeiras intenções de Nesso (707-711). Desse modo, a passagem da ignorância ao conhecimento se mostra um elemento temática e estruturalmente essencial em *As mulheres de Tráquis*.

²² ἐγὼ δὲ τὸν ἐμόν, καὶ πρὶν εἰς Ἅιδου μολεῖν, / ἔξοιδ' ἔχουσα δυστυχῆ τε καὶ βαρύν.

²³ Segundo Easterling (1982b, p. 3), essa sucessão de revelações está marcada também na linguagem da peça: “*This movement of progressive revelation is strongly marked in the language of the play: ἐκμανθάειν [saber por completo] and ἐκδιδάσκειν [aprender por completo] and words of ‘showing’ and ‘seeing’ are insistently repeated*” (Easterling, 1982b, p. 3). Uma das ocorrências de ἐκμανθάειν é no segundo verso do prólogo, “*não se pode compreender [ἐκμάθοις] a ventura da vida dos mortais até que a pessoa esteja morta*”.

²⁴ Cf. Whitman, 1951, pp. 110-1; Easterling, 1982b, p. 3.

²⁵ Para Levett (2004, p. 95), *As mulheres Tráquis* sugere que haja uma tensão entre a realidade que se impõe e o conhecimento dessa realidade: o conhecimento só seria possível quando a realidade se impõe. Essa tensão reflete a tensão existente no pensamento grego entre feitos e palavras, algo semelhante à nossa oposição entre falar e fazer. “(...) Women of Trachis does not simply present the sorrow of late learning, but rather the inability of human language and thought to encompass or deal with the brute reality of the physical, immediate world. There is a pervasive contrast in Greek thought between word and deed, and the Women of Trachis presents a world where the power and violence of the deed renders impotent the understanding of the word.” (p. 95).

Com os exemplos citados acima, buscamos destacar elementos da temática do tempo e a maneira como são apresentados em *As mulheres de Tráquis*. Embora não se restringissem ao prólogo e ao párodo, essas notas têm o objetivo de chamar atenção para a presença desses tópicos nas seções iniciais da peça. Nelas, podemos observar a presença de diversos elementos dessa temática que se desenvolvem e repercutem ao longo do enredo: a ideia de casamento, a sabedoria proverbial e o oráculo. A influência do passado no presente também está presente no prólogo, na menção à batalha de Hércules e Aqueloo e ao casamento como o centro da vida de Dejanira. A relação entre tempo e conhecimento também se mostra nessas seções: são estabelecidos fundamentos que depois farão parte das revelações, como os sofrimentos de Dejanira, o paradeiro de Hércules e o oráculo sobre o fim de seus trabalhos.

2. Tradução e notas

a) Nota sobre a tradução

Nosso objetivo nessa tradução foi produzir uma versão do texto acessível ao leitor iniciante em tragédia grega, embora buscássemos também produzir uma versão que pudesse ser proveitosa para os leitores mais experientes graças a algumas de suas soluções de tradução.

A opção pela prosa justifica-se pela necessidade de evitar impedimentos formais que são próprios da poesia e que limitariam a possibilidade de expressão e paráfrase do sentido que buscamos em nossa leitura da obra. Contudo, uma vez que o original é um texto poético, sabemos que, ao fazer essa escolha, sacrificamos o aspecto formal da poesia, que necessariamente traz consigo uma camada de significado para a qual, em nossa versão, não há tentativa de preservação.

Acrescentamos entre parênteses indicações cênicas que não estão presentes no original, mas que tornam mais clara e fluida a leitura do texto dramático. A numeração dos versos se encontra ao longo do texto marcada entre colchetes: [5], [10], [15] etc. As notas ao longo da tradução esclarecem episódios obscuros da mitologia e do enredo. Também colocamos notas indicando as fontes de soluções tomadas de empréstimo de outras traduções.

Esta tradução foi elaborada a partir do texto estabelecido por Lloyd-Jones e N. G. Wilson em *Sophoclis Fabulae* (1990). Foram consultados os seguintes comentários textuais que elucidam passagens do texto grego: Kamerbeek (1970), Easterling (1982b), Flávio de Oliveira (Sófocles, 2009) e Jebb (2010). Quando nas notas nos referimos pelo nome a um desses comentadores, trata-se do comentário referente ao verso em questão.

b) Texto grego

Δηιάνειρα

λόγος μὲν ἔστ' ἀρχαῖος ἀνθρώπων φανείς
ὥς οὐκ ἂν αἰῶν' ἐκμάθοις βροτῶν, πρὶν ἂν
θάνη τις, οὔτ' εἰ χρηστὸς οὔτ' εἴ τω κακός·
ἐγὼ δὲ τὸν ἐμόν, καὶ πρὶν εἰς Ἄιδου μολεῖν,
ἔξοιδ' ἔχουσα δυστυχή τε καὶ βαρύν, 5
ἧτις πατρὸς μὲν ἐν δόμοισιν Οἰνέως
ναίουσ' ἔτ' ἐν Πλευρῶνι νυμφείων ὄον
ἄλγιστον ἔσχον, εἴ τις Αἰτωλὶς γυνή.
μνηστήρ γὰρ ἦν μοι ποταμός, Ἀχελῷον λέγω,
ὅς μ' ἐν τρισὶν μορφαῖσιν ἐξήτει πατρός, 10
φοιτῶν ἐναργῆς ταῦρος, ἄλλοτ' αἰόλος
δράκων ἐλικτός, ἄλλοτ' ἀνδρείῳ κύτει
βούπρωρος· ἐκ δὲ δασκίου γενειάδος
κρουνοὶ διερραίνοντο κρηναίου ποτοῦ.
τοιόνδ' ἐγὼ μνηστήρα προσδεδεμένη 15
δύστηνος αἰεὶ κατθανεῖν ἐπηυχόμην,
πρὶν τῆσδε κοίτης ἐμπελασθῆναι ποτε.
χρόνῳ δ' ἐν ὑστέρω μὲν, ἀσμένῃ δέ μοι,
ὁ κλεινὸς ἦλθε Ζηνὸς Ἀλκμήνης τε παῖς·
ὅς εἰς ἀγῶνα τῷδε συμπεσῶν μάχης 20
ἐκλύεταί με· καὶ τρόπον μὲν ἂν πόνων
οὐκ ἂν διείποιμ'· οὐ γὰρ οἶδ'· ἀλλ' ὅστις ἦν
θακῶν ἀταρβῆς τῆς θεάς, ὅδ' ἂν λέγοι·
ἐγὼ γὰρ ἤμην ἐκπεπληγμένη φόβῳ
μή μοι τὸ κάλλος ἄλγος ἐξεύροι ποτέ. 25
τέλος δ' ἔθηκε Ζεὺς ἀγώνιος καλῶς,
εἰ δὴ καλῶς· λέχος γὰρ Ἡρακλεῖ κριτὸν
ξυστᾶσ' αἰεὶ τιν' ἐκ φόβου φόβον τρέφω,
κείνου προκηραίνουσα· νῦξ γὰρ εἰσάγει

καὶ νῦξ ἀπωθεῖ διαδεδεγμένη πόνον. 30
κάφύσαμεν δὴ παῖδας, οὓς κεῖνός ποτε,
γήτης ὅπως ἄρουραν ἔκτοπον λαβών,
σπεύρων μόνον προσεΐδε κάξαμῶν ἄπαξ.
τοιοῦτος αἰὼν εἰς δόμους τε καὶ δόμων
αἰεὶ τὸν ἄνδρ' ἔπεμπε λατρεύοντά τω. 35
νῦν δ' ἡνίκ' ἄθλων τῶνδ' ὑπερτελής ἔφυ,
ἐνταῦθα δὴ μάλιστα ταρβήσασ' ἔχω.
ἔξ οὗ γὰρ ἔκτα κεῖνος Ἰφίτου βίαν,
ἡμεῖς μὲν ἐν Τραχῖνι τῆδ' ἀνάστατοι
ξένω παρ' ἀνδρὶ ναίομεν, κεῖνος δ' ὅπου 40
βέβηκεν οὐδεὶς οἶδε· πλὴν ἐμοὶ πικρὰς
ὠδῖνας αὐτοῦ προσβαλὼν ἀποίχεται.
σχεδὸν δ' ἐπίσταμαί τι πῆμ' ἔχοντά νιν·
χρόνον γὰρ οὐχὶ βαιόν, ἀλλ' ἤδη δέκα
μῆνας πρὸς ἄλλοις πέντ' ἀκήρυκτος μένει. 45
κάστί τι δεινὸν πῆμα· τοιαύτην ἐμοὶ
δέλτον λιπῶν ἔστειχε, τὴν ἐγὼ θαμὰ
θεοῖς ἀρῶμαι πημονῆς ἄτερ λαβεῖν.
Θεράπαινα
δέσποινα Δηάνειρα, πολλὰ μὲν σ' ἐγὼ
κατεῖδον ἤδη πανδάκρυτ' ὀδύρματα 50
τὴν Ἡράκλειον ἔξοδον γοωμένην·
νῦν δ', εἰ δίκαιον τοὺς ἐλευθέρους φρενοῦν
γνώμαιοσι δούλαις, κάμῃ χρὴ φράσαι τὸ σόν·
πῶς παισὶ μὲν τοσοῖσδε πληθύεις, ἀτὰρ
ἄνδρὸς κατὰ ζήτησιν οὐ πέμπεις τινά, 55
μάλιστα δ' ὄνπερ εἰκὸς Ὑλλον, εἰ πατρὸς
νέμοι τιν' ὥραν τοῦ καλῶς πράσσειν δοκεῖν;
ἐγγὺς δ' ὄδ' αὐτὸς ἀρτίπους θρώσκει δόμοις,
ὥστ' εἴ τί σοι πρὸς καιρὸν ἐννέπειν δοκῶ,
πάρεστι χρῆσθαι τάνδρῳ τοῖς τ' ἐμοῖς λόγοις. 60

Δηιάνειρα

ὦ τέκνον, ὦ παῖ, κάξ ἀγεννήτων ἄρα
μῦθοι καλῶς πίπτουσιν· ἦδε γὰρ γυνή
δούλη μέν, εἴρηκεν δ' ἐλεύθερον λόγον.

Ὑλλος

ποῖον; δίδαξον, μήτερ, εἰ διδακτά μοι.

Δηιάνειρα

σὲ πατρὸς οὕτω δαρὸν ἐξενωμένου
τὸ μὴ πυθέσθαι ποῦ 'στιν, αἰσχύνην φέρειν.

65

Ὑλλος

ἄλλ' οἶδα, μύθοις εἴ τι πιστεύειν χρεών.

Δηιάνειρα

καὶ ποῦ κλύεις νιν, τέκνον, ἰδρῦσθαι χθονός;

Ὑλλος

τὸν μὲν παρελθόντ' ἄροτον ἐν μήκει χρόνου
Λυδῆ γυναικί φασί νιν λάτρην πονεῖν.

70

Δηιάνειρα

πᾶν τοίνυν, εἰ καὶ τοῦτ' ἔτλη, κλύοι τις ἄν.

Ὑλλος

ἄλλ' ἐξαφεῖται τοῦδέ γ', ὡς ἐγὼ κλύω.

Δηιάνειρα

ποῦ δῆτα νῦν ζῶν ἢ θανῶν ἀγγέλλεται;

Ὑλλος

Εὐβοῖδα χώραν φασίν, Εὐρύτου πόλιν,
ἐπιστρατεύειν αὐτὸν ἢ μέλλειν ἔτι.

75

Δηιάνειρα

ἄρ' οἴσθα δῆτ', ὦ τέκνον, ὡς ἔλειπέ μοι
μαντεῖα πιστὰ τῆσδε τῆς χρείας πέρι;

Ὑλλος

τὰ ποῖα, μήτερ; τὸν λόγον γὰρ ἀγνοῶ.

Δηιάνειρα

ὡς ἢ τελευτήν τοῦ βίου μέλλει τελεῖν

ἢ τοῦτον ἄρας ἄθλον εἰς τό γ' ὕστερον τὸν λοιπὸν ἤδη βίον εὐαίων' ἔχειν. ἐν οὖν ροπή, τοιᾶδε κειμένῳ, τέκνον, οὐκ εἶ ξυνέρξων, ἠνίκ' ἢ σεσώσμεθα [ἢ πίπτομεν σοῦ πατρὸς ἐξολωλότος] κείνου βίον σώσαντος, ἢ οἰχόμεσθ' ἅμα;	80
Ὑλλος ἀλλ' εἶμι, μήτηρ· εἰ δὲ θεσφάτων ἐγὼ βάξιν κατήδη τῶνδε, κἂν πάλαι παρῆ. ἀλλ' ὁ ξυνήθης πότμος οὐκ εἶα πατρὸς ἡμᾶς προταρβεῖν οὐδὲ δειμαίνειν ἄγαν. νῦν δ' ὡς ξυνίημι, οὐδὲν ἐλλείψω τὸ μὴ παῖσαν πυθέσθαι τῶνδ' ἀλήθειαν πέρι.	85
Δηιάνειρα χώρει νυν, ὦ παῖ· καὶ γὰρ ὑστέρω, τό γ' εὔ πράσσειν ἐπεὶ πύθοιτο, κέρδος ἐμπολᾶ.	90
Χορός ὄν αἰόλα νῦξ ἐναριζομένα τίκτει κατευνάζει τε φλογιζόμενον, Ἄλιον Ἄλιον αἰτῶ τοῦτο, καρῦξαι τὸν Ἀλκμή- νας· πόθι μοι πόθι μοι ναίει ποτ', ὦ λαμπρᾶ στεροπᾶ φλεγέθων; ἢ Ποντίας αὐλῶνος ἢ δισσαῖσιν ἀπείροις κλιθεῖς; εἴπ', ὦ κρατιστεύων κατ' ὄμμα.	95
ποθουμένα γὰρ φρενὶ πυνθάνομαι τὰν ἀμφινεικῆ Δηιάνειραν αἰεί, οἷά τιν' ἄθλιον ὄρνιν, οὔποτ' εὐνάζειν ἀδακρύ-	100
	105

των βλεφάρων πόθον, ἀλλ'
εὔμναστον ἀνδρὸς δεῖμα τρέφουσιν ὁδοῦ
ἐνθυμίους εὐναῖς ἀναν-
δρώτοισι τρύχεσθαι, κακὰν
δύστανον ἐλπίζουσιν αἴσαν. 110

πολλὰ γὰρ ὥστ' ἀκάμαντος
ἢ νότου ἢ βορέα τις
κύματ' (ἄν) εὐρέι πόντῳ
βάντ' ἐπιόντα τ' ἴδοι, 115
οὕτῳ δὲ τὸν Καδμογενῆ
τρέφει, τὸ δ' αὔξει βιότου
πολύπονον ὥσπερ πέλαγος
Κρήσιον· ἀλλὰ τις θεῶν
αἰὲν ἀναμπλάκητον Ἄι- 120
δα σφε δόμων ἐρύκει.

ᾧ ἐπιμεμφομένας ἀ-
δεῖα μὲν, ἀντία δ' οἴσω.
φαμί γὰρ οὐκ ἀποτρύειν
ἐλπίδα τὰν ἀγαθὰν 125
χρῆναί σ'· ἀνάληγτα γὰρ οὐδ'
ὁ πάντα κραίνων βασιλεὺς
ἐπέβαλε θνατοῖς Κρονίδας·
ἀλλ' ἐπὶ πῆμα καὶ χαρὰν
πᾶσι κυκλοῦσιν, οἶον ἄρ- 130
κτου στροφάδες κέλευθοι.

μένει γὰρ οὔτ' αἰόλα
νῦξ βροτοῖσιν οὔτε κῆ-
ρες οὔτε πλοῦτος, ἀλλ' ἄφαρ
βέβακε, τῷ δ' ἐπέρχεται 134

χαίρειν τε καὶ στέρεσθαι.
ἂ καὶ σὲ τὰν ἄνασσαν ἐλπίσιν λέγω
τάδ' αἰὲν ἴσχειν· ἐπεὶ τίς ᾧδε
τέκνοισι Ζῆν' ἄβουλον εἶδεν;

140

c) Tradução

(Prólogo)

A cena se passa diante da casa em que a família de Hércules habita na cidade de Tráquis. Dejanira entra em cena. A velha ama se aproxima.

DEJANIRA²⁶

Um provérbio existe entre os homens, há muito tempo revelado: não se pode compreender a ventura da vida²⁷ dos mortais até que a pessoa esteja morta, nem se lhe é boa nem se lhe é ruim²⁸. Eu, porém, sei a minha e, antes de ir ao Hades²⁹, bem sei que a tenho malfadada e pesada. [5] Eu que, enquanto na casa de meu pai, Eneu, no Plêuron³⁰, tive a mais afitiva angústia nupcial que mulher etólia alguma jamais teve. Pois eu tinha como pretendente um deus-rio, falo de Aqueloo³¹, que em três formas me pedia ao meu pai: [10] uma vez veio como encorpado³² touro; outra vez, como luzidia serpente sinuosa; e mais outra, como um homem de testa táurea, e das suas espessas barbas, nascentes de água de fonte jorravam. Eu, enquanto esperava por esse pretendente, [15]

²⁶ O nome “Dejanira” (Δηιάναιρα) significa “matadora de homens” e, segundo Levett (2004, pp. 31–31), versões anteriores do mito apresentavam Dejanira como uma figura ativa e guerreira, uma amazona; já a versão de Sófocles apresenta uma personagem completamente passiva. Esse contraste é interessante se a compararmos com outras personagens de tragédia conhecidas pela sua agressividade aos maridos: Clitemnestra (*Agamemnon*, de Ésquilo), e Medeia (da peça homônima de Eurípides). Levett (2004, pp. 85–6) observa que as duas últimas são apresentadas como transgressoras de valores vigentes, como personagens monstruosas e fantásticas, fora da realidade; mas que, por outro lado, Sófocles cria uma personagem mais humana, que evita extremos e aceita os valores vigentes, e, mesmo assim, causa a destruição de sua família.

²⁷ “*Ventura da vida*” traduz αἰών que significa (i) tempo de vida; (ii) era, geração; (iii) vida, destino, porção; no sentido de o destino de alguém, o seu tempo de vida como um todo; como, por exemplo, Dejanira diz nas linhas seguintes, só é possível conhecer o αἰών, se é uma vida boa ou ruim, depois de a pessoa estar morta, depois de o seu tempo de vida ter terminado.

²⁸ Remete às palavras de Sólon a Crespo em Heródoto, *Histórias*, I, 32.

²⁹ “*Antes de ir ao Hades*”, isto é, antes de morrer. A Casa de Hades é o mundo dos mortos, reino do deus Hades.

³⁰ *Plêuron*, uma importante cidade na região montanhosa da Etólia, oeste da Grécia. A cidade estava situada entre o rio Aqueloo e o rio Eveno. Nos mitos gregos, Eneu, pai de Dejanira, era um nobre importante ou rei desta cidade.

³¹ *Aqueloo* era um deus-rio relacionado à água doce e à fertilidade. Ovídio, nas *Metamorfoses* IX (1ss.), nos traz a batalha do ponto de vista do perdedor, que, neste período, tinha se tornado um exemplo de amante desafortunado. O maior rio da Grécia leva seu nome.

³² “*Encorpado*” traduz ἐναργής; significa “na forma corpórea”, “claro”, “aparente”, também era a palavra usada para se referir a um deus aparecendo em sua forma própria, e a sonhos (cf. Kamerbeek, 1970, p. 32).

infeliz, rezava sempre para que eu morresse antes de algum dia ser levada a semelhante leito. Mas, no último momento e para o meu alívio, o glorioso veio, o filho de Zeus e Alcmena: [20] tendo se batido com aquele em disputa, liberta-me. Mas, o desenrolar da batalha, eu não seria capaz de contar pois não sei, mas quem quer que fosse espectador, sem se aterrorizar pela visão, esse poderia contar. Porque eu jazia atordoada pelo horror, com receio de que a beleza me trouxesse dor. [25] Mas Zeus, árbitro da batalha³³, dispôs bem o fim, se é que foi bem. Pois unida a Hércules, esposa eleita, eu nutro, sempre, medo a partir de medo, preocupada no âmago com ele. Sucessiva, a noite traz e a noite afasta o tormento. [30] Geramos filhos, aos quais ele, como o lavrador que lavra uma terra distante, vê somente ao semear e uma vez ao colher. Essa é a ventura da vida que, tanto à casa quanto de casa, sempre, leva o meu esposo a serviço de alguém. [35] E agora que ele superou essas contendas, é agora que mais estou temerosa. Desde que ele pôs fim à vida de Ífito³⁴, nós, nesta Tráquis³⁵, expulsos do lar, habitamos a casa de um homem estrangeiro; Hércules, por onde anda, [40] ninguém sabe. Mas uma coisa é certa para mim: sua ausência me causa excruciantes preocupações com ele. E estou próxima de saber se alguma desgraça lhe aconteceu, pois por não pouco tempo, mas já há dez meses e mais outros cinco, ele permanece sem ser anunciado. [45] E há algo terrível; digo por causa da natureza da pequena tábuca com palavras inscritas que ele me deixou antes de partir: por causa dela, eu sempre rezo aos deuses para que mantenham afastada a desgraça³⁶.

VELHA AMA

Senhora Dejanira, muitas vezes eu já te vi chorar lamentações cheias de lágrimas [50] pela partida de Hércules. Mas agora, se convém instruir àqueles que são livres com conselhos de escravas, e caso me seja permitido falar sobre a tua situação, já que és rica em filhos, por que não envia algum em busca do teu esposo? [55] E é mais razoável que seja Hilo, se ele se preocupa com o pai e a sua boa reputação. Aqui perto ele próprio move os passos rápidos na casa, então, se eu pareço falar algo

³³ “Zeus, árbitro da batalha”, Ζεύς ἀγώνιος, um epíteto atribuído a qualquer deus que presida jogos. O nome de um deus seguido de um epíteto que o caracterize geográfica, funcional ou ritualmente, ou de algum outro modo, não é incomum e não se trata de uma referência a outro deus, apenas de especificação de acordo com o lugar de culto ou da função que ele está exercendo naquele contexto.

³⁴ Ífito é um dos filhos de Êurito. Ele é um dos irmãos de Íole (cf. versos 250ss.).

³⁵ Tráquis era uma cidade situada entre o Monte Eta e o golfo de Mália. A família de Hércules foi expulsa de Tirinto por ele ter matado Ífito.

³⁶ Sobre o prólogo, Kamerbeek (1970, p.10) afirma: “*Although its function is indubitably expositive in the narrower sense, it is much more than that. It shows the central figure of the play seeing herself and appearing to the audience in the perspective of her past life and at grips with the fearful present situation from which the tragic action will proceed. Deianeira’s words give the impression of coming from her inner nature*”. Kamerbeek (1970, p. 12) também destaca a ironia inerente a esse prólogo: a esposa amorosa que deseja o retorno seguro do marido, mas que irá, ela própria, ser causadora de sua destruição.

de oportuno, está em tuas mãos fazer uso do homem e de minhas palavras³⁷. [60]

(Hilo, um dos filhos de Hércules e Dejanira, entra em cena)

DEJANIRA

Ó rebento, ó meu filho, mesmo de alguém de baixa estirpe — ora! — nascem boas palavras: essa mulher, embora seja uma escrava, descobriu palavras livres!

HILO

Quais? Explica-me, mãe, se são explicáveis!

DEJANIRA

Não te informares sobre onde está teu pai, com ele já há tanto tempo longe, [65] é uma desonra para ti.

HILO

Mas eu sei — se se pode acreditar em rumores.

DEJANIRA

Em que lugar da terra, filho, ouviste que ele está?

HILO

Dizem que ele passou todo o último ano de lavra, do princípio ao fim, em trabalho pesado, servo de uma mulher lídia³⁸. [70]

DEJANIRA

Se até mesmo isso ele suportou, pode-se ter ouvido de tudo.

³⁷ Segundo Kamerbeek (1970, p. 10), a situação de um filho que sai em busca do pai remete à aventura de Telêmaco na *Odisseia*.

³⁸ A mulher lídia é a rainha Ônfale. Hércules foi vendido por Zeus como escravo para purificação pelo assassinato injusto do Ífito (v. 250ss.). Matar alguém deixa uma mancha sobre o assassino que exige diferentes graus de purificação ritual, maior quanto mais injusto ou criminoso fosse o ato.

HILO

Seja como for, ele está livre; assim eu ouvi.

DEJANIRA

Então onde dizem que ele está vivo ou morto?

HILO

Dizem que em terra eubeia, na cidade de Êurito³⁹: marcha contra ela, ou ainda está prestes a fazê-lo. [75]

DEJANIRA

Pois, por acaso sabes, meu filho, que ele me deixou oráculos confiáveis sobre essa terra?

HILO

Quais oráculos, mãe? Não sei do que estás falando.

DEJANIRA

Dizem que ou ele está prestes a atingir o fim da vida ou, vencida essa contenda, levar a bom termo [80] o restante da ventura da vida. Então, filho, com esse destino jazendo na balança, não pretendes ajudá-lo, já que ou estamos salvos, se ele se salva, ou então caímos em ruína junto? [85]

HILO

Irei, mãe, e, se soubesse sobre o dito desses oráculos divinos, já estaria lá. Até agora a sorte que lhe coube não nos dava razão para nos preocuparmos com nosso pai nem ter medo em demasia. Mas agora que compreendo, absolutamente nada deixarei [90] de fazer para saber de toda a verdade sobre a sua situação.

DEJANIRA

Vai agora, meu filho, pois, mesmo tarde, saber do sucesso não falha em trazer benefício.

³⁹ Ecália é a cidade de Êurito e ficava localizada na ilha da Eubeia; uma de suas extremidades situava-se às margens opostas do golfo de Mália.

(*Saem Hilo e a velha ama, entra em cena o coro de mulheres de Tráquis*)

(*Párodo*)

CORO

A ti que a cintilante noite decaindo gera e acalenta, quando estás incandescente. [95] A ti, Sol, Sol, peço isto: anuncia o filho de Alcmena! Onde — diz para mim! Diz para mim! —, onde, onde vive, ó radioso brilho flamejante? Ele está no estreito do mar [100] ou no continente dividido⁴⁰? Fala tu que és o mais poderoso no olho luminoso!

Pois soube que, de peito cheio de saudade, a disputada Dejanira, sempre, como ave inquieta, [105] jamais deita, lágrima desfeita, a saudade dos olhos; mas, ao se voltar ao inesquecível medo pelo seu homem, da jornada, com peso no peito se consome pela cama enviuvada, [110] esperando destino desastroso.

Como se vê o vai e vem das ondas prenes de ondas no vasto mar, através do incansável Noto ou do Bóreas⁴¹; [115] assim, ao cadmogênito⁴², onda procria, e onda avoluma o vai e vem das várias penas da vida, tormentosa como o mar cretense, mas um dos deuses sempre [120] o afasta sem falta⁴³ da casa de Hades.

Que disso tu te lamentes, sou favorável, mas direi algo que se opõe: acho que não debes desgastar a boa esperança, [125] pois uma sina sem dores o Crônida que tudo coordena não impõe aos mortais. Pena e alegria, para todos, em círculo se sucedem, [130] como os giros dos caminhos celestes da Ursa⁴⁴.

⁴⁰ *Estreito do mar/continente dividido*: uma referência a lugares e mares longínquos, mas de identificação geográfica obscura para nós. Uma das hipóteses sugere que o estreito do mar diz respeito aos estreitos do Mar Negro no oriente, e o continente dividido, aos Pilares de Hércules, no extremo ocidente daquele mundo, fazendo referência ao movimento do Sol (Kamerbeek, 1970, p. 49).

⁴¹ Noto e Bóreas são nomes de ventos que correm em direções opostas, seu choque deixa o mar revolto.

⁴² Hércules nasceu na cidade de Tebas, que foi fundada por Cadmo. Cadmogênito, Καδμογενής, significa: nascido na cidade de Cadmo.

⁴³ “*Afasta sem falta*” retiro da tradução de Flávio de Oliveira (Oliveira [Sófocles], 2009). O grego ἀναμπλάκητον... ἐρύκει tem uma ambiguidade que essa tradução traz para o português: Hércules é retirado do problema (i) fisicamente ileso e (ii) moralmente ileso.

⁴⁴ A Constelação da Ursa Maior, visível durante o ano todo no hemisfério norte, faz um caminho circular através do céu nesse período.

Não se mantém para os mortais nem cintilante noite nem desgraça nem riqueza, mas de repente se vai⁴⁵ e [135] vem-lhe tanto o ganhar quanto o perder. Por isso, também digo a ti que és rainha: sempre te mantenha na esperança! Pois quem viu Zeus ser assim desatento com seus filhos? [140]

Referências bibliográficas

Texto grego

SOPHOCLIS *Fabulae*. Ed. Lloyd-Jones e Wilson. New York, New York: Oxford University Press, 1990.

Comentários ao texto

EASTERLING, P. E. Commentary. In. SOPHOCLES. *Trachiniae* (P. E. Easterling, ed.). Cambridge [Inglaterra]: Cambridge University Press, 1982a. pp. 71-233.

JEBB, R. C. *Sophocles: The Plays and Fragments*, v. 5. With Critical Notes, Commentary and Translation in English Prose. Richard Claverhouse Jebb ed. Cambridge University Press. Cambridge, 2010 [1892].

KAMERBEEK, J. C. *The Plays of Sophocles: Commentaries. Part II: The Trachiniae*. Leiden: Brill, 1970.

SÓFOCLES. *As traquírias* (F. R. de Oliveira, apres., trad. e comentário filológico). Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2009.

SOPHOCLES. *Trachiniae* (P. E. Easterling, ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

Lexicografia

LIDDELL, H. G. & SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*. (Nova York: Clarendon Press Oxford, 1996). Perseus Digital Library: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/search>. (Acesso em: 2020-2022).

MALHADAS, D; DEZOTTI, M; NEVES, M. H. de M. *Dicionário grego-português*. São Paulo: Mnema, 2022.

Referências

EASTERLING, P. E. “Introduction”. In. SOPHOCLES. *Trachiniae* (P. E. Easterling, ed.).

⁴⁵ *De repente se vai*: ἄφαρ βέβακε. Essa expressão ecoa no primeiro estásimo da peça, em outra situação de mudança de sorte, quando Dejanira era o prêmio na batalha entre Hércules e Aqueloo. Terminada a batalha, ela é afastada de sua mãe: E a bela moça graciosa jazia em distante colina, esperando quem o marido seria. Eu falo como quem viu, mas a disputada face da noiva, penosa, espera. E de repente se vai [ἄφαρ βέβακε] de sua mãe, como novilha solitária. ἄ δ' εὐώπις ἄβρα / τηλαυγεί παρ' ὄχθῳ / ἦστο, τὸν ὄν προσμένουσ' ἀκοίταν. / ἐγὼ δὲ θατήρ μὲν / οἷα φράζω· / τὸ δ' ἀμφινείκητον ὄμμα νύμφας / ἔλεινὸν ἀμμένει <τέλος>· / κάπῳ ματρὸς ἄφαρ βέβαχ', / ὥστε πόρτις ἐρήμα. (524-30)

Com emenda de Zielinski: θατήρ πορ μάτηρ: ἐγὼ δὲ θατήρ μὲν οἷα φράζω, lit.: “falo como espectador” (cf. edição de Easterling [Sophocles], 1982).

- Cambridge [Inglaterra]: Cambridge University Press, 1982b. pp. 1-23.
- GANTZ, T. **Early Greek Myth: A Guide to Literary and Artistic Sources**. Baltimore/ London, 1993.
- KAMERBEEK, J. C. "Introduction." in **The Plays of Sophocles – Commentaries. Part II: The Trachiniae**. Leiden: Brill, 1970.
- LEVETT, B. **Sophocles: Women of Trachis**. (Duckworth Companions to Greek and Roman Tragedy). Bloomsbury Publishing, 2004.
- PAOLI, B. "Zeus, o Carvalho, Duas Pombas e um Centauro". In: SÓFOCLES. **As Traquíncias. Tragédias completas**. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Ateliê Editorial; Mnema, 2022. pp. 31-38.
- WHITMAN, C. H. **Sophocles: A Study of Heroic Humanism**. Cambridge: Harvard University Press, 1951.
- WINNINGTON-INGRAM, R. R. **Sophocles: an interpretation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

